

GÊNERO E SEXUALIDADE NA CENA ENUNCIATIVA: A NORMATIZAÇÃO DOS DESEJOS EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE A ANATOMIA FEMININA

Pamella Opsfelder de ALMEIDA
Orientadora: Mônica Graciela Zoppi-Fontana

RESUMO: Embasando-se na Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2017, 2018), este artigo se propõe a apresentar e analisar as cenas enunciativas de cinco textos disponíveis na internet que se pretendem informativos sobre a anatomia feminina. O estudo revelou que os textos do *corpus* podem ser divididos em duas categorias: aquela formada pelas revistas femininas que, do lugar social de dizer de alocutores-mulheres projetam alocutários-mulheres em sua interlocução, e aquela formada pelos textos inclinados à divulgação científica, que se dirigem a alocutários-homens. Nos dois casos, os alocutários são idealizados como pertencentes a um binário de sexos, pressupondo uma ordenação heterossexual do desejo sexual: ou os alocutários são mulheres, aquelas que possuem a vagina que será penetrada, ou são homens, aqueles que desejam penetrar os corpos femininos. Assim, conclui-se que, nas cenas enunciativas analisadas, os desejos e os prazeres continuam normatizados.

Palavras-chave: semântica, cena enunciativa, sexualidade feminina, gênero.

INTRODUÇÃO

Na Semântica do Acontecimento, a *cena enunciativa* é uma categoria metodológico-descritiva fundamental para o tratamento do sentido (GUIMARÃES, 2018, p. 49). Ela é produzida pelo agenciamento político do falante em *aquele que diz*.

Quando afirma que o acontecimento da linguagem, e, por conseguinte, a cena enunciativa, se dá pelo agenciamento político do falante, Guimarães considera o político como “a contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” (GUIMARÃES, 2017, p. 22). Dessa forma, o político se caracteriza como um conflito entre “uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento” (p. 22).

É nesse sentido que a cena enunciativa se caracteriza como “um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento” (p. 31). Ou seja, por enunciar em um espaço de enunciação dividido, político, o falante também é dividido; ele fala de um lugar social, mas desconhece a própria divisão e interdição de seu dizer. Partindo dessa definição, Guimarães (2017) diferencia-se de Ducrot (1977), pois não considera o falante como uma figura empírica, mas “uma figura política constituída pelos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2017, p. 25). O falante na Semântica do Acontecimento é, portanto, uma categoria linguística e enunciativa.

Ao ser agenciado politicamente pelo ato da enunciação, o falante é tomado pelas sistematicidades linguísticas e se divide em Locutor e alocutor(-x). Enquanto que o Locutor se apresenta como o lugar que diz, o alocutor(-x) se caracteriza como o lugar social do dizer. Nessa denominação, x é uma variável a ser preenchida por um lugar social, que predica, então, o alocutor. É importante lembrar que o acontecimento de enunciação apresenta-se como uma *alocução*, e, portanto, assim como o falante é *aquele que diz*, existe *aquele para quem se diz*. Assim sendo, aquele que dialoga com o Locutor é o Locutário, da mesma forma que o alocutor-x constitui seu correlato na alocução, o alocutário-x.

O falante também é agenciado em enunciador, que é um lugar de dizer. Guimarães (2017) identifica quatro enunciadores possíveis: enunciador-universal, enunciador-individual, enunciador-genérico e enunciador-coletivo. Cada um deles provoca o esquecimento do lugar histórico do alocutor-x de uma maneira diversa: o *enunciador-individual* representa o Locutor como independente da história; o *enunciador-genérico* representa o Locutor como difuso num todo, num senso comum; e o *enunciador-universal* representa o Locutor como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso (GUIMARÃES, 2017, p. 35). O enunciador-coletivo tem um funcionamento semelhante ao enunciador-genérico, mas caracterizando um grupo de pessoas específico e identificável. É o enunciador, dessa forma, que faz com que o alocutor-x, e, de um modo geral, o falante, esqueça de seu lugar social, das divisões e redivisões que o constituem.

Além de agenciar politicamente o falante, o acontecimento da enunciação temporaliza, ou seja, “instala sua própria temporalidade” (GUIMARÃES, 2017, p. 16) independente do tempo cronológico. Dessa forma, o acontecimento da linguagem recorta para si um passado tido como memorável, rememorando enunciações por ele apresentadas como seu passado, e abre uma latência de futuro; em outras palavras, projeta em si mesmo o que dele pode ser interpretável.

Tendo em vista esses posicionamentos teóricos, este artigo pretende apresentar a cena enunciativa de cinco textos disponíveis na *internet* que constituem o *corpus* deste estudo. Tratam-se de textos que se pretendem informativos sobre a anatomia feminina e, mais especificamente, sobre a vagina. Esses textos são: *10 COISAS QUE VOCÊ AINDA NÃO SABIA SOBRE A SUA VAGINA*, da Fatos Desconhecidos, site

de curiosidades; *11 segredos e curiosidades sobre a sua vagina*, da Revista Capricho, direcionada ao público feminino adolescente; *A vagina como ela é*, da Revista Galileu, especializada em divulgação científica; *Manual da vagina: 21 segredos que você precisa saber*, da Revista Cosmopolitan; e *Ela é elástica e muda de cor: 15 curiosidades sobre a vagina*, do site M de Mulher, portal brasileiro da Editora Abril direcionado ao público feminino.

Seguindo a metodologia apresentada por Guimarães (2018), o recorte, fragmento do acontecimento da enunciação, será utilizado como unidade discursiva, conforme a definição de Eni Orlandi (1984). Dessa forma, os recortes analisados serão introduzidos por [Rx], onde x representa o número do recorte. Esses recortes pretendem exemplificar as instâncias em que aparecem, nos textos, as figuras de enunciação, além dos lugares de dizer que permitem que o falante desconheça as divisões do espaço de enunciação que o atravessam.

A análise comparativa das cenas enunciativas constituídas nesses diferentes acontecimentos de enunciação tem como objetivo observar como as representações que o falante faz de si e de seu destinatário tecem discursos sobre o corpo, a sexualidade e o prazer femininos, compreendendo também como as relações entre essas figuras de enunciação e a aproximação ou distanciamento do discurso científico produzem sentidos sobre a sexualidade da mulher.

ANÁLISE

A análise da cena enunciativa considerará cada um dos textos que constituem o *corpus* individualmente, para, então, traçar as relações de semelhança e contraste encontradas entre eles.

Meio de entretenimento direcionado a mulheres, a Revista Cosmopolitan traz para sua matéria o título *Manual da vagina: 21 segredos que você precisa saber*. Nesse caso, o Locutor assume a autoria do enunciado por meio de duas assinaturas, Rafaela Polo e Bel Moherdauí, creditadas no cabeçalho do texto. Contudo, o alocutor, ou seja, o lugar social do dizer, é apresentado no singular. Isso pode ser percebido no recorte 1:

[R1] *COSMO* preparou um guia para ajudá-la a conhecer essa nobre região da sua anatomia. Assim, vai ser mais fácil cuidar de quem *te* proporciona tanto prazer.

No recorte, observa-se que há a referência a Redação COSMO, predicada por *preparou um guia*. É, portanto, um enunciado escrito na terceira pessoa verbal, de maneira a criar o efeito de impessoalidade, comum em textos jornalísticos. Nesse sentido, observa-se que o alocutor é um alocutor- revista.

Por sua vez, o alocutário apresenta-se como um alocutário-mulher heterossexual; em outras palavras, é para o sujeito mulher com essa sexualidade específica que o texto foi escrito, conforme a análise dos recortes 1 a 8 demonstrará. No recorte 1, o aspecto feminino desse sujeito pode ser ressaltado pelo complemento verbal – *la* em *ajudá-la*, em que o artigo *a* refere a leitora como sendo do sexo feminino. Da mesma forma, o pronome possessivo *sua* em *essa nobre região da sua anatomia*, reafirma o pertencimento da vagina ao corpo desse alocutário-mulher. Esse pertencimento é novamente reiterado pelo pronome pessoal oblíquo *te*, que indica que a vagina, personificada em *quem*, pertence e proporciona grande prazer ao alocutário-mulher.

Ainda na matéria da Revista Cosmopolitan, o alocutário-mulher é explicitamente mencionado nos recortes 2 e 3:

[R2] Quando *você* está *excitada*, as paredes da vagina esquentam e começam a transpirar um lubrificante natural.

[R3] Assim como um peito costuma ser diferente do outro, *os lábios vaginais* também não são iguais. Essas assimetrias, supernormais, não interferem no *seu* prazer ou na *sua* saúde.

Percebe-se que, no recorte 2, o alocutário-mulher é tratado pelo pronome pessoal *você* e caracterizado, em seguida, pelo adjetivo *excitada*, flexionado no gênero feminino. Também há a menção ao aquecimento e transpiração das paredes da vagina como consequências da excitação do alocutário, que caracteriza-se, mais uma vez, como mulher. No recorte 3, por sua vez, o endereçamento ao alocutário é marcado pelos pronomes possessivos *seu* e *sua*. Também nesse recorte, partes da anatomia feminina, como os seios, as paredes da vagina e os lábios vaginais, são caracterizados como pertencentes ao alocutário-mulher, ao qual o Locutor assegura serem as assimetrias *supernormais*. Dessa forma, o alocutário é não só mulher, mas presumivelmente preocupado com a normalidade e com a simetria de seu corpo em relação aos padrões estéticos e médicos do que deveria ser a anatomia feminina.

Já a heterossexualidade do alocutário pode ser presumida pelos recortes 4, 5 e 6 nos quais o homem é apresentado como aquele com quem a mulher mantém relações amorosas e sexuais.

[R4] E você não tem como evitar isso, pois o problema acontece por causa do estilo do *seu latin lover*. Dependendo da forma como *ele a penetra*, permite a entrada de um pouco de ar na vagina. Esse mesmo ar sai quando *o pênis é retirado* fazendo aquele som de pum.

[R5] Cremes que prometem deixar o canal vaginal mais “apertadinho”, a fim de aumentar *o prazer dele*, ressecam a mucosa.

[R6] *Seu namorado* ama ficar dentro dela

Sim, os homens chegam a virar poetas quando descrevem o que *é penetrar uma mulher*. Falam que vão ao paraíso com a sensação morna, úmida, escorregadia e tão acolhedora que *só a vagina pode proporcionar*.

A figura masculina é trazida para a enunciação pelos termos *seu latin lover*, *ele* e *seu namorado*, e é apresentado como o parceiro sexual do alocutário-mulher, o que caracteriza esse alocutário como heterossexual. Além disso, nos recortes 4, 5, e 6 a figura masculina é descrita como engajando-se em um tipo bem específico de relação sexual com o alocutário-mulher heterossexual: o coito, ou relação sexual com penetração do pênis na vagina. Essa especificidade é evocada por *ele a penetra* e *o pênis é retirado*, no recorte 4, havendo também menção à vagina em *permite a entrada de um pouco de ar na vagina*. O mesmo ocorre no recorte 5, no qual *o prazer dele*, do homem, vem do aperto do canal vaginal, enquanto que, no recorte 6, o sujeito *namorado* é predicado por *ama ficar dentro dela*, em que *ela* reescritura *vagina* por substituição. Figura, desse modo, nos recortes 4, 5 e 6, um alocutário-mulher heterossexual, que se engaja na prática sexual genital do coito com o homem igualmente heterossexual.

De forma semelhante, as figuras do homem e do pênis também aparecem nos recortes 7 e 8, que ligam diretamente a excitação e o prazer femininos à penetração sexual:

[R7] Quando o clitóris é estimulado, ocorre um aumento de fluxo sanguíneo na região, sobretudo na vagina. Assim, ela aumenta de tamanho e fica lubrificada, *no ponto para ser penetrada de um jeito gostoso e seguro*.

[R8] A maioria das terminações nervosas responsáveis pela sensação de prazer encontra-se no início da vagina – mais precisamente nos 5 centímetros iniciais. Ou seja: *o tamanho do pênis dele não é mesmo documento*.

Nos recortes 7 e 8 o alocutor-revista sugere que os mecanismos biológicos de excitação da mulher existem apenas para permitir a relação heterossexual de penetração. No primeiro caso, a estimulação do clitóris serve para aumentar o fluxo sanguíneo na vagina, para que ela fique maior e mais lubrificada, permitindo assim a penetração do pênis. Já no recorte 8, o parceiro homem pressuposto é explicitamente mencionado em *o pênis dele*.

Conforme a análise dos recortes, foi possível observar que, mesmo com a tentativa de abordagem impessoal dos Locutores, o passado recortado como memorável pelo acontecimento da linguagem reafirma sentidos que reverberam aquilo que Judith Butler (2017) chama de compulsoriedade da ordem sexo/gênero/desejo. Essa compulsoriedade permeia o imaginário da sociedade ocidental e se baseia na crença naturalizada de que sexo biológico, identidade de gênero e desejo sexual devem obedecer, nos indivíduos, a uma ordem heterossexista imutável.

No interior dessa ordem, os “gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2017, p. 43). Existem, portanto, mecanismos de poder na sociedade que “buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambas na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual” (BUTLER, 2017, p. 44).

Dessa forma, os corpos precisariam obedecer a essa ordem que concebe, em primeiro lugar, a existência de um binário de sexos na espécie humana, ou seja, a existência, a priori, *da fêmea e do macho*, no nível biológico, *da mulher e do homem*, no nível social, e da heterossexualidade genital e falocêntrica como a principal forma de obtenção de prazer sexual. Nas palavras de Judith Butler, “a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea’” (BUTLER, 2017, p. 44).

Essa ordem compulsória, segundo Judith Butler (2017), pode ser interpretada como resultado da performatividade, ou seja, de uma repetição de rituais sobre o corpo, de performances reiteradas incessantemente e que acabam gerando, para esses comportamentos sociais, uma noção de naturalidade. Pode-se teorizar, portanto, que o acontecimento da linguagem no texto da Revista Cosmopolitan rememora como seu passado as crenças na naturalidade dessa compulsoriedade da ordem sexo/gênero/desejo (não se trata, aqui, da compreensão dessa ordem como uma performance, mas como a natureza das relações humanas), já que: trata seu alocutário-mulher como aquele que possui, necessariamente, uma vagina em seu corpo, estabelecendo assim uma relação unívoca entre sexo biológico (fêmea) e gênero (mulher), o que

gera a exclusão de identidades divergentes desse modelo único; pressupõe que esse alocutário-mulher se relaciona sexualmente exclusivamente com homens, não considerando, dessa forma, mulheres lésbicas ou bissexuais como leitoras em potencial da revista; e, por fim, reitera que esse relacionamento ocorre por vias genitais bem específicas, ou seja, pela ação de introdução do pênis na vagina realizada ativamente pelo homem.

Dessa forma, o acontecimento da linguagem reconhece como memoráveis os sentidos de coerência entre sexo, gênero e desejo, projetando como futuridade a leitura por um alocutário-mulher heterossexual, alguém que corresponde a esses sentidos cristalizados.

Os lugares de dizer, por sua vez, apresentam-se como enunciadores-universais e genéricos, que embasam as crenças na naturalidade do desejo heterossexual recortadas pelo passado do acontecimento. No recorte 8 reproduzido acima, dá-se a afirmação, sem modalizações, de que as terminações nervosas que proporcionam o prazer sexual na mulher encontram-se nos cinco centímetros iniciais da vagina. Tal representação do dizer como um fato anatômico e, portanto, necessário e verdadeiro, revela a existência de um enunciador-universal. Em seguida, nesse recorte, no entanto, esse lugar de dizer universal é contraposto por um enunciador-genérico, que retoma o dito popular de que *tamanho não é documento*, para reiterar que o tamanho do pênis do homem não interfere no prazer sexual da mulher com quem ele se relaciona.

O enunciador-universal também aparece na matéria da Revista Cosmopolitan por meio da citação direta dos dizeres de outros Locutores, considerados autoridades sobre a anatomia e sexualidade femininas. Devido ao fato de tratar-se das opiniões de indivíduos específicos, o lugar de dizer dessas enunciações pode ser interpretado como o de um enunciador-individual, porém o elevado grau de verdade atribuído a essas citações pelo alocutor-redator possibilita que esses lugares de dizer também sejam caracterizados como enunciadores-universais. Nesse sentido, os Locutores citados pelo alocutor-revista são os ginecologistas Eliano Pellini e Eduardo Tomioka, além da autora Catherine Blackledge. Pode-se verificar uma das ocorrências dessa argumentação por autoridade no recorte a seguir:

[R9] “Mulheres que passam cerca de quatro meses sem transar sentem a diferença quando retomam a atividade, pois a vagina perde um pouco de elasticidade”, diz o ginecologista Eliano Pellini, de Santo André, SP.

Nesse caso, o enunciador-universal constata o que seria o fato biológico de que a vagina perde a elasticidade após longos períodos sem relações sexuais de penetração. Além disso, a citação da ginecologista implica a noção de que as mulheres transam de uma determinada maneira, isto é, com a penetração do pênis na vagina; a enunciação sobre a *falta* dessas atividades pressupõem sua existência *a priori*. O verbo *retomar*, por sua vez, indica que a tendência natural dessa atividade sexual seria o reinício – a mulher não poderia deixar de manter relações sexuais de penetração para sempre – o que pressupõe, novamente, um comportamento sexual considerado natural ou esperado do alocutário-mulher.

De forma semelhante à Revista Cosmopolitan, a Revista Capricho, intitulada *11 segredos e curiosidades sobre a sua vagina*, explicita já em seu título que o alocutário a quem o enunciado se destina é uma mulher, aquela que possui a vagina, como fica evidente pelo uso do pronome possessivo *sua* em *sua vagina*. Construções semelhantes com o pronome possessivo podem ser observadas nos recortes a seguir:

[R10] Por isso, se *you* perceber que *o seu lábio vaginal esquerdo* é diferente do direito, não se *assuste*.

Nesse recorte, percebe-se a referência ao alocutário-mulher de forma direta pelo pronome de tratamento *you*, bem como pela determinação de uma parte do corpo feminino, *o lábio vaginal*, pelo pronome possessivo *seu*.

Por vezes o alocutário é endereçado ao mesmo tempo em que indica o alocutor do enunciado. Na matéria da Revista Capricho, isso ocorre nos seguintes recortes:

[R11] É justamente por isso que *nós, mulheres*, podemos optar pelo parto normal.

[R12] *Nossa ‘amiga’* produz uma acidez natural que a protege contra microrganismos.

Constata-se, nesses recortes, que o lugar social de dizer se apresenta como *mulheres*, identificando-se com o alocutário-mulher por meio do pronome pessoal *nós* em *nós, mulheres* e do pronome possessivo *nossa* em *nossa ‘amiga’*, em que *amiga* faz referência à vagina. Esse alocutor, que se inclui no grupo das mulheres, também pode se distanciar do alocutário, caracterizando-se como *a gente* e como um *nós*, que não inclui o alocutário nos recortes 13 e 14:

[R13] Parece uma pergunta até um pouco estranha, mas *a gente* jura que não é.

[R14] Por isso, *montamos* um manual com as informações e curiosidades importantes sobre ‘ela’.

Dessa forma, é interessante observar como a apresentação do alocutor se dá pelo pronome pessoal *nós*, ora como alocutor-mulher, ora como alocutor-redator, aproximando-se ou distanciando-se discursivamente do alocutário. Em todos os recortes apresentados, o alocutor é referido no plural – trata-se de um *nós*; contudo, o Locutor, ou seja, aquele que assume a palavra, é Marcela Bonafé, no singular. Nesse sentido, é possível identificar marcas de que, apesar de haver apenas um Locutor, o enunciado traz como alocutor um plural, *nós*, que, por não incluir o alocutário-mulher, pode simbolizar a equipe que produz a revista. Nesse caso, não há a indicação explícita de que esse alocutor seja um alocutor-mulher, como nos recortes 11 e 12; o que é possível depreender dos recortes 13 e 14 é que o alocutor compreende um coletivo que preparou o manual da vagina.

Além do contraste de número entre Locutor (singular) e alocutores (plural), o texto da Revista Capricho também apresenta enunciadores ou lugares de dizer contrastantes. De uma forma geral, a matéria é estruturada em forma de diálogo, de modo que cada título de tópico represente uma pergunta atribuída ao alocutário-mulher e cada texto do tópico represente a resposta do alocutor-redator. Tal organização pode ser observada nos recortes 15 e 16:

[R15] É normal ter corrimento?

Uhum. E é por isso que muitas mulheres gostam de usar protetores diários. (...) “Toda mulher tem corrimento e ele muda ao longo do mês. Pode ser com o aspecto pastoso ou mais líquido e fluido”, explica a doutora Rose Villela.

[R16] Posso usar o mesmo absorvente o dia todo?

Jamais! Os absorventes são seus aliados ~ naqueles dias ~ mas exigem atenção. É muito importante que tanto o interno quanto o externo seja trocado de quatro em quatro horas, no máximo! “Manter o absorvente cheio de sangue pode causar facilmente assaduras e até facilitar o desenvolvimento de bactérias na vulva ou na vagina”, reforça o psicoterapeuta Oswaldo Rodrigues.

Pela análise dos recortes 15 e 16, constata-se a presença de pelo menos dois enunciadores, um enunciador-coletivo que faz a pergunta e um enunciador-universal que a responde. O enunciador-coletivo das perguntas representa o alocutário-mulher ou alocutário-adolescente projetado pela revista, presumivelmente sem grandes conhecimentos sobre a própria anatomia. Desse modo, trata-se de um enunciador que fala como todas as garotas, como um grupo com faixa etária e gênero definidos.

Em contraste a esse enunciador-coletivo que representa as garotas cheias de questionamentos e inseguranças, o enunciador-universal se representa como sendo o detentor de todas as respostas. Uma das indicações do caráter universal desse enunciador é a primeira frase de cada resposta, que confirma (recorte 15) ou refuta (recorte 16) o ponto de vista leigo expresso na pergunta. Assim, *uhum* e *jamais!* são apresentados como respostas absolutas, às quais a argumentação procede em explicar e justificar.

Nesse sentido, outra pista de que se tratam de enunciadores-universais a responderem os enunciadores-coletivos são as citações de profissionais da área de saúde que permeiam toda a matéria da Revista Capricho e se apresentam como parte fundamental de sua argumentação. Trata-se de citações que vêm entre aspas, introduzindo não só o discurso direto de figuras de autoridade, mas também outros enunciadores, ou seja, pontos de vista. E esses pontos de vista se apresentam como submetidos ao regime do verdadeiro e do falso, *fora* da história, caracterizando, assim, um enunciador-universal, típico do discurso científico.

É possível ainda dizer que, dessa posição absoluta, o alocutor-redator, sustentado pelas autoridades médicas que cita e identificando-se como um enunciador-universal, representa a si mesmo como apto a aconselhar – ou mesmo prescrever – comportamentos saudáveis para seu alocutário-adolescente. Assim, ele confirma a normalidade do corrimento na mulher, sanando o medo de inadequação presumido para o alocutário, e, por meio das expressões exclamativas *jamais!* e *no máximo!*, repreende a utilização de apenas um absorvente por dia. Dessa forma, o texto da Revista Capricho aponta para uma necessidade de cuidado higiênico de si para a pertencimento a um padrão de normalidade.

Essa necessidade também é ressaltada pela opinião de especialistas que, do lugar de dizer de um enunciador-universal, defendem que a mulher deve realizar atividades sexuais de penetração e que a ausência dessas atividades pode causar deformações ao músculo vaginal, como é possível observar no recorte 17:

[R17] O Dr. Oswaldo conta que [a vagina] continua se desenvolvendo e mudando durante toda a vida. “A falta de atividades sexuais de penetração provocam atrofia dos tecidos e músculos, por exemplo”, conta.

Assim como ocorre no texto da Revista Cosmopolitan, existe a pressuposição de que o alocutário-mulher pratica relações sexuais de penetração vaginal por meio da alusão a sua *falta*, bem como aos efeitos

colaterais que essa ausência poderia gerar no corpo feminino, sinalizados no recorte 17 pela palavra *atrofia*. É importante notar que, na Biologia, o termo *atrofia* geralmente se relaciona a uma patologia que aflige órgãos ou tecidos. Portanto, o Locutor especialista coloca sua enunciação na ordem do absoluto, patologizando, assim, os corpos femininos que não expressam o desejo pela relação sexual de penetração vaginal.

Com uma cena enunciativa semelhante às da Revista *Capricho* e *Cosmopolitan*, a matéria do portal M de Mulher, intitulada como *Ela é elástica e muda de cor: 15 curiosidades sobre a vagina*, tem como responsável pela enunciação o Locutor Raquel Drehmer. A outra parte em que o falante é dividido, o alocutor-x, representa a si mesmo como um alocutor-redator e, ao mesmo tempo, um alocutor-mulher, correspondendo, assim, ao gênero apontado pelo nome do Locutor, conforme pode ser observada nos seguintes recortes:

[R18] *Reunimos 15 curiosidades sobre a vagina, para que todas as mulheres possam se familiarizar com essa parte tão importante do corpo.*

[R19] *Quando fazemos xixi, o líquido arrasta para fora células mortas da parede vaginal.*

Em ambos os recortes, o alocutor faz referência a si mesmo por meio da primeira pessoa do plural – *nós* –, assim como acontece no texto da Revista *Capricho*. Observa-se que, no recorte 18, o alocutor-redator não se inclui no alocutário; trata-se de um *nós* que, possivelmente, se refere à equipe que produziu a matéria. No entanto, no recorte 19 o alocutor inclui-se no grupo das mulheres por meio do verbo flexionado na primeira pessoa do plural, *nós*: o alocutor-mulher, nesse caso, identifica-se com a anatomia feminina que descreve. Nesses recortes, o alocutário é mulher, pois há uma identificação entre aquele com quem se fala e o corpo feminino. O direcionamento a esse alocutário-mulher é reforçado em outras frases do texto, conforme mostram os recortes 20 e 21:

[R20] *Depois de um período de seca você pode ficar com os músculos vaginais tensos para a volta às relações sexuais, mas isso se resolve já na primeira lubrificação. Fique tranquila: não existe ficar virgem de novo.*

[R21] *Você pode ser branquinha e ter a vagina meio marrom ou roxa; você pode ser negra e ter a vagina clarinha.*

A identificação do alocutário como portador de uma vagina é explicitada nos recortes 20 e 21. No primeiro caso, o alocutário é caracterizado como possuindo *músculos vaginais* que podem ficar tensos após um longo período de tempo sem relações sexuais de penetração. Ainda nesse recorte, o alocutário-mulher também se revela pela flexão no gênero feminino do predicativo do sujeito *tranquila*, expressa pela desinência –a. No recorte 21, por sua vez, *a vagina* é complemento verbal do verbo *ter*, do qual o sujeito é *você*, pronome de tratamento direcionado ao alocutário.

Assim como ocorre no texto da Revista *Capricho*, na matéria do portal M de Mulher o alocutário-mulher é apresentado como preocupado com seu pertencimento aos padrões sociais de normalidade. Essa representação do alocutário-mulher preocupado se explicita na expressão *fique tranquila*, que pressupõe a falta de tranquilidade diante da possibilidade de *ficar virgem de novo*, e, presumivelmente, de sofrer as dores que, no senso comum, são atribuídas à perda da virgindade feminina. Desse modo, os sentidos evocados por esse recorte fazem parte de uma memorável na qual a relação sexual é concebida como a penetração dolorosa do pênis na vagina.

Em consonância com o observado nos textos das Revistas *Cosmopolitan* e *Capricho*, os lugares de dizer apresentados na matéria do portal M de Mulher são, em geral, universais, seguidos em menor número por enunciadores-genéricos, auxiliando no recorte e construção de determinados passados no acontecimento de linguagem. No recorte 20, o termo *seca* evoca um enunciador-genérico, já que se trata de um termo popular ou gíria para se referir a um longo período sem relações sexuais. Novamente, o enunciador-genérico se associa ao recorte de um passado memorável que se baseia no ideal heterossexual do ser humano, já que, no caso específico do recorte 20, essa sede de sexo seria saciada pela penetração.

Contudo, o que destaca esta matéria daquelas publicadas nas demais revistas femininas é a forte presença de um enunciador-individual, que se identifica com o Locutor. Exemplos das ocorrências desses três tipos de enunciadores podem ser observados pelos recortes 21 e 22:

[R21] *Embora seja comum chamar tudo que está ~ lá embaixo ~ de vagina, ela é apenas uma parte da genitália: é o canal que vai da vulva (a parte externa que inclui os pequenos e grandes lábios, o clitóris e o períneo) até o cérvix (a porção inferior do útero), com comprimento de 7,5cm a 10cm. De toda forma, popularmente é tudo vagina, e não tem nada de errado em manter a nomenclatura. Ruim é não falar sobre ela ;)*

[R22] *O pH normal da vagina varia entre 3,8 e 4,2, enquanto o do vinho fica entre 3,5 e 4. Quando quiser receber sexo oral, pode usar essa explicação para dar aquela forcinha argumentativa :D*

Sustentando um discurso científico, o enunciador-universal pode ser percebido nos recortes 21 e 22. No primeiro recorte, é feita uma descrição precisa da anatomia da mulher, com a explicação dos termos médicos vulva e córvix, inclusive com o apontamento de um tamanho médio em centímetros para este último. Essas informações são apresentadas como pertencentes ao domínio da verdade: tratar-se-iam de fatos da biologia humana. Da mesma forma, no recorte 22, são apresentados os números correspondentes à acidez da vagina e do vinho na escala de pH. Essa informação é apresentada como um dado absoluto, indicando, assim, a presença de um enunciador-universal.

Por sua vez, o enunciador-individual, com o qual se identifica o Locutor que assina como autor sob o nome de Raquel Drehmer, está presente nos dois recortes. O Locutor dá sua opinião pessoal, no recorte 21, ao defender *que não tem nada de errado em manter a nomenclatura*, ou seja, que não há problema em referir-se a variadas partes do sistema reprodutor feminino pelo nome único de *vagina*. Em seguida, emite outra opinião de que o ruim é não falar sobre a vagina, adicionando então o *emoji carinha piscando um dos olhos*, que pode ser interpretado como um sinal de subjetividade na linguagem devido à sua função, em mensagens virtuais, de expressar emoções diversas do Locutor, e, no caso específico do *emoji carinha piscando um dos olhos*, produzir sentidos como o humor ou a cumplicidade.

No recorte 22, por sua vez, o comentário do enunciador-individual que acompanha o Locutor autor é justaposto a uma informação científica que se apresenta como universal; após mencionar os números do pH do vinho e da vagina, o Locutor sugere que o alocutário-mulher utilize esse fato para persuadir seu parceiro a lhe fazer sexo oral e, em seguida, adiciona o *emoji carinha sorridente com a boca aberta e olhos felizes*, que pode indicar a presença de humor em sua enunciação. Rememora-se, assim, um passado de enunciações nos quais é preciso pressionar o homem a realizar o sexo oral na mulher, já que essa prática não estaria no roteiro de uma atividade sexual cujo principal objetivo é a penetração no corpo feminino.

Por fim, o enunciador-genérico se faz presente no recorte 21 por meio dos trechos *embora seja comum chamar tudo que está ~ lá embaixo ~ de vagina e de toda forma, popularmente é tudo vagina*. Esses trechos aludem ao conhecimento popular a respeito da genitália da mulher, que costuma amalgamar várias partes do sistema reprodutor feminino sob o nome *vagina*. Isso se reforça pela utilização da expressão *~ lá embaixo ~*, que é comumente usada para se referir aos genitais femininos. Portanto, nesse trecho, o Locutor escolhe enunciar junto de todos, caracterizando, desse modo, o enunciador-genérico.

Verifica-se, dessa forma, que o funcionamento da cena enunciativa se dá de modo semelhante entre os textos das Revistas *Cosmopolitan* e *Capricho* e do portal *M de Mulher*. Nessas matérias, os Locutores assinam como autores e se identificam como mulheres, dirigindo-se também a alocutários-mulheres. Os alocutores podem ser identificar como alocutor-redator ou alocutor-revista, para criar maior distanciamento entre o veículo de imprensa e seus leitores, ou representar-se como alocutor-mulher, gerando o efeito de identificação e proximidade entre o Locutor autor feminino e seus Locutários leitores, idealmente também do sexo feminino. Em suma, tratam-se de mulheres em alocação com outras mulheres, baseando seus argumentos, principalmente, no senso comum e nas figuras de autoridade de médicos ginecologistas.

Diferentemente do caso dos alocutários consistentemente femininos das matérias da Revista *Capricho*, da Revista *Cosmopolitan* e do portal *M de Mulher*, nos textos da Revista *Galileu* e da *Fatos Desconhecidos* esse alocutário é diverso. Ora alocutário-homem, ora alocutário-mulher, o lugar social do dizer para quem se fala varia em diferentes pontos do texto da *Fatos Desconhecidos*. O título *10 coisas que você ainda não sabia sobre a sua vagina* indica um alocutário-mulher, devido à relação de articulação por caracterização entre *sua* e *vagina*, de forma que a vagina pertence ao corpo da leitora.

Contudo, apesar dessa indicação do título, o texto parece se dirigir a múltiplos alocutários, uma vez que as enunciações dos recortes 23 a 25 podem ser interpretadas como sendo direcionadas a um alocutário-homem, conforme exemplifica seguinte recorte:

[R23] Mas *vocês* concordam que todo mundo deveria saber tudo sobre seu corpo? Conhecer o *nosso próprio corpo* pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual, *principalmente para os homens*. Confira também as 8 coisas que as mulheres bonitas odeiam.

De início, o recorte 23 parece construir um alocutário-genérico ou alocutário-leigo, já que *vocês* e *nosso próprio corpo* não explicitam gênero definido, o que poderia ser fruto de uma tentativa de abrangência de leitores diversos. Entretanto, quando a oração *principalmente para os homens* é articulada por à oração anterior, cria-se uma relação argumentativa entre as duas, em que o advérbio *principalmente* funciona como modalizador delimitador. Nesse caso, a modalização delimitadora assinala que a sentença *conhecer o nosso próprio corpo pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual* deve ser interpretada pelo alocutário tendo em mente uma escala na qual o conhecimento a respeito do *nosso próprio corpo* ajudaria mais aos homens que às mulheres na performance sexual.

A delimitação criada pelo advérbio *principalmente* traz ambiguidade ao sentido do pronome possessivo *nosso* na expressão *nosso próprio corpo*. Dentre os sentidos possíveis, o pronome pode ser interpretado como se referindo ao corpo masculino que, ao ser conhecido pelo alocutário-homem, pode ser utilizado de forma mais eficiente nas relações sexuais. Porém, também é possível que a referência de *nosso próprio corpo* seja o corpo feminino, que, ao ser estudado por um alocutário-homem ou por um alocutário-mulher pode ajudar o homem durante o sexo. Tal auxílio ao homem no ato sexual poderia ocorrer porque o alocutário-mulher que compreende seu próprio corpo pode satisfazer melhor seu parceiro sexual, ou porque, ao entender a anatomia feminina, o alocutário-homem pode mobilizar esse conhecimento para melhorar a satisfação do casal.

Apesar dessa dupla possibilidade quanto ao gênero do alocutário, ao afirmar que a obtenção de conhecimentos anatômicos é mais importante para os homens que para as mulheres o texto apresenta os homens como potenciais leitores da matéria, ou, pelo menos, aqueles que mais se beneficiariam com sua leitura.

A sugestão de um alocutário-homem é reforçada pela oração que se segue no enunciado, *Confira também as 8 coisas que as mulheres bonitas odeiam*. Considerando que o acontecimento seleciona como seu passado uma memória de enunciações que preza pela coerência entre sexo, gênero e desejo, é possível afirmar que essa matéria sugerida também se dirige a um alocutário-homem, que se interessaria tanto pelo corpo da mulher, a fim de melhorar suas habilidades sexuais, quanto pelos comportamentos que as mulheres odeiam, a fim de evitá-los. Verifica-se aí o endereçamento a um alocutário-homem que deseja obter dicas de como se comportar para conseguir se relacionar romanticamente com mulheres.

Ainda no recorte 23, pode-se observar que o alocutor se identifica com o alocutário por meio do pronome possessivo *nosso* em *conhecer o nosso próprio corpo pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual, principalmente para os homens*. O corpo que precisa ser conhecido é determinado como *nosso*, ou seja, tanto do alocutário quanto do alocutor. Conforme já foi analisado, o funcionamento do advérbio modalizador *principalmente* e do enunciado subsequente *Confira também as 8 coisas que as mulheres bonitas odeiam* sustentam a interpretação de que o enunciado se endereça a um alocutário-homem. Nessa perspectiva, o grupo no qual alocutor se inclui é também o dos homens, para quem os conhecimentos sobre o próprio corpo podem auxiliar nas relações sexuais, mais do que para as mulheres.

Diferentemente das outras matérias do *corpus*, o texto do *site* Fatos Desconhecidos é assinado por um Locutor do sexo masculino, Mateus Graff. A assinatura não é só marca do Locutor; ela produz a individualização do autor de um texto. Pelo nome próprio – que, nesse caso, é um nome masculino –, a assinatura produz efeitos na delimitação do lugar social desse Locutor. É importante lembrar que Locutor e alocutor-x são figuras enunciativas que desdobram o agenciamento enunciativo do falante. Nesse sentido, é possível supor que a delimitação do lugar social de homem pela assinatura de Mateus Graff, marca do Locutor, predica sentidos sobre o alocutor, que, assumindo esse lugar social, inclui-se no grupo dos homens ao qual o alocutário pertence.

Outros recortes que reforçam o endereçamento a um alocutário-homem também o fazem por uma relação discursiva de contraste entre a figura masculina, com a qual o leitor deve se identificar, e a figura feminina, aquela sobre a qual se fala:

[R24] *Nós* criamos essa matéria com algumas curiosidades que toda mulher deveria saber sobre a vagina, e temos certeza que *vocês* vão adorar. Então, *caros leitores da Fatos Desconhecidos*, confirmem agora a nossa matéria com as 10 coisas que *você* ainda não sabia sobre a *sua* vagina.

[R25] *É amigos*, algumas pessoas costumam enfiar cada coisa na vagina que *se vocês soubessem iriam ficar assustados*. (...) A vagina é um espaço fixo que não tem continuação, então *você* não pode perder permanentemente algo lá dentro.

A figura do alocutor retorna no recorte 24 por meio do pronome pessoal *nós*, a primeira pessoa do plural, contrastando com o Locutor Mateus Graff, creditado como responsável pelo enunciado. Por sua vez, a figura do alocutário é referida primeiramente por *vocês* em *temos certeza que vocês vão adorar*. Em seguida, esse alocutário é apresentado como *caros leitores da Fatos Desconhecidos*. Apesar da construção do termo *caros leitores* no masculino não excluir gramaticalmente as leitoras mulheres, é nítida a distinção dessa matéria dos textos do portal M de Mulher, da Revista Capricho e da Revista Cosmopolitan, nas quais o alocutário é explicitamente feminino.

As construções que sugerem um alocutário-homem devido a sua flexão nominal no gênero morfológico masculino/neutro perseveram no recorte 25, no qual o alocutário é referido por *amigos*. Esse termo cria um sentido de aproximação entre alocutor e alocutário, que passam a ter uma relação não de redator e leitor, mas de amigos do sexo masculino que se entendem, que guardam entre si uma espécie de camaradagem ou fraternidade da qual as leitoras mulheres não podem participar. Essa interpretação do termo *amigos* como sinalizador de um alocutário-homem, e não somente de um alocutário-genérico, pode

ser sustentada pelo passado memorável que se projeta nesse acontecimento da enunciação, que recupera a noção de que os homens mantêm relações de amizade entre si que não são estendidas às mulheres.

Esse afastamento discursivo entre a figura feminina e a figura masculina se intensifica no recorte 25 pelo contraste entre *amigos*, vocativo que sugere um alocutário-homem, e *algumas pessoas*. Nessa oração, os *amigos* do alocutor-homem ficarão assustados ao descobrir que *algumas pessoas* costumam enfiar coisas impensáveis dentro da vagina. Não fica explícito por meio de marcas gramaticais a quem *algumas pessoas* se refere. Entretanto, a finalização do recorte 25 ocorre com o endereçamento a um *você* que parece ser distinto dos *amigos* citados anteriormente. Em *então você não pode perder permanentemente algo lá dentro*, o alocutário pode ser tanto homem quanto mulher, já que poderia sinalizar um alocutário-mulher que não conseguiria perder algum objeto dentro da própria vagina, ou um alocutário-homem que não seria capaz de perder algo no interior da vagina de sua parceira sexual.

Apesar do endereçamento ambíguo, é possível supor que a frase *então você não pode perder permanentemente algo lá dentro* sugere um alocutário-mulher devido à memória de enunciação que se projeta sobre a cena enunciativa. Essa memória é a de que a mulher encontra-se sempre preocupada ao explorar sua sexualidade, com medo de danificar irreparavelmente seu corpo – representada, nesse caso, pela figura da mulher que introduz objetos em sua vagina e, ao não conseguir retirá-los, preocupa-se em tê-los perdido definitivamente em seu interior. Dessa forma, pode-se interpretar que o *você* que *não pode perder permanentemente algo lá dentro* refere-se às mesmas *algumas pessoas* que *costumam enfiar cada coisa na vagina*.

É possível observar, portanto, que no interior do mesmo tópico é sugerido o endereçamento a diferentes alocutários, ora masculinos, ora femininos, pois o pronome de tratamento *você*, além de referir-se aos *amigos* do alocutor-homem, pode também se referir às mulheres que, apesar de suas preocupações, não podem perder definitivamente algum objeto dentro de suas vaginas.

O endereçamento do texto ao alocutário-mulher se dá explicitamente nos recortes 26 e 27, a seguir. Nesses trechos, é notável a semelhança das matérias do portal M de Mulher e das Revistas Capricho e Cosmopolitan.

[R26] O fortalecimento *da sua vagina* pode melhorar o orgasmo

[R27] Se *você* acha que nasceu sem um [hímen], *não se preocupe*, pois isso não tem nada haver com a *sua* vida sexual, pode ter sido rompido em alguma situação da *sua* vida.

Percebe-se que o alocutário, nesses trechos, apresenta-se como feminino. No recorte 26, o alocutário-mulher se explicita pelo pronome possessivo *sua* em *sua vagina*, que inscreve a vagina no corpo do alocutário. Por sua vez, no recorte 27, o alocutário é endereçado pelo pronome de tratamento *você* e pelas duas ocorrências do pronome possessivo *sua*. Nota-se que *você* é predicado *por acha que nasceu sem um hímen*, o que atribui ao alocutário-mulher o pertencimento do hímen, parte da anatomia feminina. Mais do que isso, o alocutário é representado como preocupado com a perda do hímen, imaginando que esse rompimento poderia ter sido causado por um comportamento sexual indevido. Portanto, assim como ocorre dos textos da Revistas Cosmopolitan e Capricho e do portal M de Mulher, o alocutário-mulher é caracterizado como preocupado com seu pertencimento em um padrão de normalidade que se inscreve no corpo: o Locutor pressupõe a inquietação do Locutário e o tranquiliza, afirmando de antemão que suas condutas sexuais não podem deformar o corpo feminino ideal.

Por sua vez, em relação ao lugar de dizer, a matéria do site Fatos Desconhecidos apresenta, em grande parte, um enunciador-universal. Sob o título encontra-se a informação de que o texto está arquivado na seção *Ciência e Tecnologia*, de forma a criar uma aproximação entre a matéria de curiosidades e a divulgação científica. Segundo Guimarães (2017), o enunciador-universal é típico do discurso científico, e se manifesta, no texto analisado, principalmente por meio de citações a estudos científicos, de onde as informações teriam sido retiradas. Alguns exemplos podem ser observados nos recortes a seguir:

[R28] Um estudo feito pelo Journal of Sexual Medicine usou imagens de ressonância magnética para medir o clitóris de 30 mulheres.

[R29] Em um estudo, Whipple fez uma comparação da área pélvica de algumas mulheres, e as mulheres com músculos pélvicos mais fortes eram mais propensas a ejacular.

Nos dois casos, verifica-se que o Locutor apoia suas afirmações em estudos que trazem autoridade a sua fala. O recorte 28 menciona *um estudo feito pelo Journal of Sexual Medicine*, enquanto que o recorte 29 cita um estudo de Whipple. Dessa forma, pode-se afirmar que o enunciador-universal expresso nesses recortes se legitima na autoridade do discurso científico.

Além do enunciador-universal, também é possível identificar um enunciador-genérico no texto do site Fatos Desconhecidos, conforme mostra o recorte 30:

[R30] Todo mundo sabe que o clitóris tem a função de dar prazer para a mulher, certo?

No caso desse lugar de dizer, “o enunciador se mostra como dizendo com todos os outros: se mostra como um indivíduo que escolhe falar tal como outros indivíduos, uma outra forma de se apresenta como *independente* da história” (GUIMARÃES, 2017, p. 34). Assim, o enunciador-genérico afirma que o clitóris tem a função de dar prazer para a mulher, e que todas as pessoas sabem dessa informação; trata-se, portanto, de um conhecimento do senso comum, compartilhado por todos. Esse sentido de senso comum é cristalizado pela modalização epistêmica asseverativa *todo mundo sabe que* e pela pergunta retórica *certo?*, que busca obter a concordância do leitor a respeito da obviedade da afirmação.

Em alinhamento com a cena enunciativa gerada no acontecimento de produção do texto da Fatos Desconhecidos, a matéria da Revista Galileu, que se representa como divulgadora de ciência, aponta para um alocutário-homem, ainda que de forma não explícita. Nesse caso, o Locutor que assina a enunciação é Carol Patrocínio, uma autora mulher. Entretanto, a única referência que o alocutor faz de si mesmo é em terceira pessoa, assim como ocorre no texto da Revista Cosmopolitan. Isso pode ser verificado no recorte a seguir:

[R31] Muitas [mulheres] não se sentem confortáveis nem para conversar com os próprios médicos. Mas *GALILEU* não vê motivo nenhum para constrangimento. E, depois de ler toda essa reportagem, *você* muito provavelmente não verá também.

Não há, como nos casos da Revista Capricho e do portal M de Mulher, uma identificação do alocutor com o alocutário. Aqui, essas figuras estão completamente separadas: o alocutor não é redator, mas é a própria revista, identificando-se, portanto, como *Galileu* e utilizando o verbo *ver* na terceira pessoa do singular. Não existe, portanto, ligação entre a entidade alocutor-revista e o alocutário, que é representado pelo pronome de tratamento *você*.

O Locutor assume, assim, uma diferença de posicionamento entre o alocutor-revista, que não vê motivo para nenhum constrangimento em falar sobre a vagina, e o alocutário, que precisa ser convencido de que não há necessidade para esse pressuposto constrangimento. Existe, portanto, a pressuposição de um alocutário constrangido, ou mesmo preconceituoso, que precisa ter suas posições revistas por meio dos dados apresentados pela matéria.

Apesar das pistas de que se trata de um alocutário-homem, constrangido em falar sobre a vagina, a indicação que sugere com maior força a interlocução com um alocutário do sexo masculino pode ser percebida no seguinte recorte:

[R32] Até pouco tempo, o órgão sexual feminino permanecia relativamente desconhecido mesmo entre médicos e cientistas. Mas agora isso felizmente começou a mudar, e *você* não vai querer ficar de fora – sem duplo sentido.

Conforme o recorte, constata-se que o alocutário é novamente inscrito no acontecimento da enunciação pelo pronome de tratamento *você*, predicado por *não vai querer ficar de fora – sem duplo sentido*. Nessa oração há a indicação de que o alocutário não deve considerar a ambiguidade do sentido. Porém, ao sinalizar essa possibilidade interpretativa, o Locutor evidencia a duplicidade do sentido, utilizando-a para a construção de um enunciado que pode ser lido como humorístico. Desse modo, o alocutário é projetado como alguém que não vai querer ficar de fora tanto dos novos conhecimentos a respeito da vagina quanto da própria vagina como órgão sexual. Pode-se inferir que se trata, então, de um alocutário-homem, aquele que, conforme a compulsoriedade da ordem sexo/gênero/desejo (BUTLER, 2017), deseja penetrar a vagina da mulher com seu pênis.

Em outros recortes, também é possível observar uma pressuposição de preconceito ou mesmo hostilidade do alocutário, que desta vez não é explicitamente masculino, ao tratar da anatomia feminina. Nos seguintes recortes, o Locutor dirige-se ao alocutário projetando que haverá um julgamento negativo sobre a incapacidade das mulheres de identificar as partes do próprio corpo:

[R33] Grande parte das mulheres ainda é incapaz de nomear as estruturas que compõem seu sistema reprodutor. Em uma pesquisa feita no Reino Unido, metade das entrevistadas não soube apontar a localização da vagina em um diagrama simples (antes de julgá-las, *faça* o teste abaixo).

[R34] É isso que todas as mulheres veriam se ficassem de frente para um espelho. Que partes *você* é capaz de nomear?

No recorte 33, por meio de um comentário entre parênteses, o Locutor pede que o alocutário faça um teste antes de julgar as mulheres que não conhecem a anatomia feminina; verifica-se, portanto, um contraste entre a figura do alocutário e a figura da mulher, que será julgada. Não fica explícito se esse alocutário é um homem que julga as mulheres como ignorantes a respeito de sua anatomia ou se é uma

mulher que se considera mais bem informada que as outras; contudo, fica claro que o alocutário e a mulher julgada são figuras distintas. Já o recorte 34 mostra o teste que deve ser realizado por esse alocutário; mais uma vez, ele pode ser tanto um alocutário-homem e, nesse caso, *você* seria construído na enunciação como sendo um ser distinto de *todas as mulheres*, quanto um alocutário-mulher que deve testar seus conhecimentos biológicos a respeito do próprio corpo.

Devido a sua identificação como um meio de comunicação científico, verificou-se, no texto da Revista Galileu, forte presença de um enunciador-universal, que apresenta e interpreta dados resultantes de estudos recentes. Exemplos de enunciados em que esse enunciador figura estão presentes em toda a matéria. Também em contraste com todos os outros textos do *corpus*, a matéria da Revista Galileu apresenta gráficos para a auxiliar na apreensão das informações apresentadas verbalmente, enquanto que, no caso do site Fatos Desconhecidos, do portal M de Mulher e das Revistas Cosmopolitan e Capricho, as imagens ilustrativas trazem apenas as figuras de mulheres e representações artísticas da genitália feminina.

Observa-se também a existência de um enunciador genérico, que se associa ao alocutor Galileu e dá título aos tópicos do texto, conforme exemplificam os recortes 35 e 36:

[R35] COPINHO MEIO CHEIO

Venda de coletores menstruais cresceu em quase 1000% no Brasil

[R36] ESPELHO, ESPELHO MEU

Existe alguma parte do corpo mais desconhecida do que eu? Boa parte das mulheres não têm intimidade com a própria vagina.

Ambas as expressões que constituem os títulos dos recortes evocam como memoráveis enunciados que circulam no conhecimento popular. Nesse sentido, *espelho*, *espelho meu* recorta como memorável a enunciação da personagem Rainha Má, que sempre questiona seu espelho mágico a respeito da própria beleza no conto de fadas *Branca de Neve*. Ainda no recorte 35, todo o tópico é estruturado pela paráfrase da fala da rainha no conto, já que sua famosa frase “espelho, espelho meu, existe alguma mulher mais bela do que eu?” é aludida pelo enunciador-genérico em *existe alguma parte do corpo mais desconhecida do que eu?* Por sua vez, no recorte 36 *copinho meio cheio* rememora a metáfora do copo meio cheio ou meio vazio, no qual a adjetivação do copo depende do ponto de vista, otimista ou pessimista, do observador.

Nota-se que a atribuição desses títulos por um enunciador-genérico gera contraste com as informações apresentadas no texto, que trazem o enunciador-universal. Assim, atribui-se um título como *copinho meio cheio* a um texto que fala sobre o aumento percentual das vendas de coletores menstruais no Brasil. Esse contraste de pontos de vista, que evoca o conhecimento popular, pode ser percebido como um tom humorístico no texto de divulgação científica, que busca também tecer uma aproximação com seu alocutário. Dessa forma, o alocutário é representado não como sendo um par do alocutor no campo da ciência, mas como um leigo que lê sobre ciência para entretenimento ou por curiosidade.

Além do enunciador-universal, que apresenta os dados científicos, e do enunciador-genérico, que tenta criar humor por meio da invocação do conhecimento popular, a matéria da Revista Galileu apresenta um enunciador-individual, que se identifica com o Locutor que assina como Carol Patrocínio. Em um texto que se inicia com a sugestão de endereçamento a um alocutário-homem, conforme indica o humor de conotação sexual presente no recorte 39, o Locutor apresenta-se por meio comentários de teor avaliativo entre parênteses ao longo dos enunciados:

[R37] Ela foi cientificamente ignorada por anos (...) mas (*antes tarde do que nunca!*) a vagina parece *finalmente* estar ganhando a atenção que merece.

[R38] Foi mais ou menos nessa época que Freud (*sempre ele*) resolveu também dar seu *pitaco* e afirmou que mulheres “maduras” conseguiam transferir o orgasmo do clitóris para a vagina e que o orgasmo clitoriano era infantil. Mas, *felizmente*, das trevas fez-se a luz e a ciência *finalmente* começou a entender como o clitóris *realmente* se comporta.

[R39] O clitóris, órgão responsável pela maioria dos orgasmos femininos, teve de trabalhar duro (*risos*) para ter sua existência reconhecida pela ciência.

Nos recortes 37 a 39, é possível observar que o enunciador-individual, que se alinha com o Locutor Carol Patrocínio, utiliza os parênteses como uma forma de irromper no fluxo do texto, conquistando um pequeno espaço entre os enunciadores universal e genérico: em uma matéria em que o alocutor se apresenta apenas como alocutor-Revista Galileu, dirigindo-se a um alocutário que é sugerido como masculino, o ponto de vista da mulher se faz presente no enunciador-individual, que exclama sua indignação devido aos atrasos sexistas da ciência, no recorte 37, e expressa sua satisfação com os recentes estudos sobre a anatomia feminina, no recorte 38. Também nesse recorte, observa-se a ocorrência da modalização afetiva em *finalmente*, que reforça a presença do Locutor no texto, já que é o Locutor que modaliza os enunciados. Já

no recorte 39, o Locutor lança risos entre parênteses para criar o humor com o duplo sentido de *trabalhar duro*: trabalhar arduamente e trabalhar rijo.

Por fim, no recorte 38, o Locutor critica as teorias de Freud a respeito da sexualidade feminina. Isso acontece, primeiramente, pelo comentário entre parênteses (*sempre ele*), demonstrando que, do ponto de vista do Locutor, são recorrentes as colocações polêmicas de Freud. Além do comentário explícito do Locutor, o termo *pitaco* mostra uma apreciação valorativa sobre as ideias freudianas – trata-se de algo sem fundamento, de uma maluquice. Em contraste com as noções ultrapassadas de Freud, o Locutor modaliza os enunciados seguintes com *felizmente*, *finalmente* e *realmente*, tecendo uma comparação entre essas teorias e os descobrimentos da ciência atual.

Essas brechas textuais nas quais o Locutor pode, por meio de modalizações e de um enunciador-individual, expressar suas críticas a Freud e a uma ciência médica androcêntrica permitem que se interprete que o alocutor, embora apresentando-se explicitamente apenas como alocutor-Revista Galileu, projeta-se nesses trechos como um alocutor-mulher. Esse alocutor-mulher, por sua vez, traz para seu texto uma cumplicidade feminina que poderia indicar seu direcionamento a um alocutário-mulher. Nesse sentido, o humor presente no recorte 39, que se sustenta sobre o duplo sentido da palavra *duro* e denuncia a resistência da comunidade científica em reconhecer a existência do clitóris, seria direcionado a um alocutário-mulher.

CONCLUSÕES

Apesar da ignorância do falante a respeito das divisões políticas que sobre ele incidem, constata-se que tais divisões desiguais do real permeiam todo o acontecimento da enunciação e, portanto, a cena enunciativa. Por meio das análises, observou-se que nos textos do portal M de Mulher e das revistas Capricho e Cosmopolitan, os Locutores, que se apresentam como autores, assinam com nomes femininos, identificam-se a alocutores-mulheres e dialogam com alocutários-mulheres. É importante observar que, nesses textos, assim como na matéria do site Fatos Desconhecidos, a mulher é identificada como aquela que possui a vagina. Isso é explicitado especialmente pela construção *sua vagina*, recorrente nos quatro textos. Existe, portanto, uma relação de determinação entre a vagina e o alocutário-mulher: ser mulher implica ter uma vagina, e ter uma vagina significa ser mulher, em uma relação unívoca que liga sexo biológico e identidade de gênero.

Na matéria do site Fatos Desconhecidos, o Locutor que assina como autor se identifica no gênero masculino e se assimila a um alocutor-homem, dirigindo-se a um alocutário que oscila entre homem e mulher. No caso da Revista Galileu, por sua vez, a figura do Locutor autor que se responsabiliza pela enunciação tem um nome feminino, mas o alocutário a quem o alocutor- revista se dirige é majoritariamente homem, e os comentários do Locutor Carol Patrocínio precisam aparecer entre parênteses, quebrando o fluxo do texto em pequenos instantes em que sua opinião (e, por conseguinte, sua identidade como mulher) pode aparecer de forma explícita. Verifica-se, portanto, no *corpus* estudado, uma correlação entre a representação que o meio de comunicação faz de si mesmo em relação ao compromisso com a divulgação científica e a pressuposição do gênero do alocutário. Nas revistas femininas, os alocutores-mulheres e alocutários-mulheres predominam e não há endereçamento a um alocutor-homem, enquanto que nos meios de divulgação que mais se aproximam da divulgação científica, verifica-se que o alocutor não se marca explicitamente como feminino e endereça-se a múltiplos alocutários, homens e mulheres.

Essas tendências podem ser explicadas pela divisão política da enunciação. Segundo Guimarães (2017), “estar identificado pela divisão da língua é estar destinado, por uma deontologia global da língua, a poder dizer certas coisas e não outras, a poder falar de certos lugares de locutor e não de outros, a ter certos interlocutores e não outros” (GUIMARÃES, 2017, p.29). Dessa forma, pode-se observar uma clara divisão de gênero dos direitos ao dizer: os Locutores autores que assinam como mulheres nas Revistas Cosmopolitan e Capricho e o portal M de Mulher mantém interlocuções com alocutários-mulheres, enquanto que os Locutores do site Fatos Desconhecidos e da Revista Galileu mantém interlocuções majoritariamente com alocutários-masculinos: no caso do texto da Fatos Desconhecidos, a mulher se caracteriza como *o outro*, aquele de quem se fala, aquelas *peçoas* estranhas que *enfiam cada coisa na vagina*, enquanto que na matéria da Revista Galileu o Locutor, que é mulher, só pode dialogar com alocutários-mulheres nos poucos trechos em que se utiliza modalizações e de um enunciador-individual. Nesse sentido, o humor do texto é gerado a partir da anatomia feminina, ora direcionado a um alocutário-mulher com o qual o Locutor demonstra cumplicidade, ora direcionado a um alocutário-homem que acha engraçada a sugestão de que o corpo da mulher é um objeto de desejo.

Em todos os casos, o alocutário é idealizado como pertencente a um binário de sexos, que pressupõem uma ordenação heterossexual de gênero e desejo sexual: ou os alocutários são mulheres, aqueles que possuem *a vagina* que será penetrada, ou são homens, aqueles que desejam penetrar as vaginas de corpos femininos. Nas matérias das revistas femininas, o alocutário-mulher heterossexual é aquela que tem um namorado que ama ficar dentro de sua vagina, conforme a Revista Cosmopolitan; aquela que teme

ficar virgem de novo e que desenvolve músculos vaginais tensos após um período de *seca* do que deveria ser abundante em sua vida, a relação sexual com penetração vaginal, no caso do portal M de Mulher; ou ainda aquela que tem os tecidos e músculos vaginais atrofiados após a falta de atividades de penetração vaginal, segundo a Revista Capricho. Por meio das opiniões de especialistas, ou pela simples constatação daquilo que “todos já sabem”, a mulher tem seu desejo pedagogizado e normatizado.

De forma semelhante, nos dois textos que mais se aproximam da divulgação científica, a Revista Galileu e a Fatos Desconhecidos, o alocutário-homem também é heterossexual: é aquele que *não vai querer ficar de fora* da vagina, no primeiro caso, e aquele que pretende conhecer tudo sobre o próprio corpo para conseguir ter relações sexuais com mulheres bonitas, no segundo.

Nos dois tipos de textos analisados, essas normatizações do comportamento sexual tanto da mulher quanto do homem são legitimadas pelo enunciador-universal e pelo enunciador-genérico, enunciando “verdades” sobre a vagina que são asseguradas pela autoridade científica ou se diluem na reafirmação da sabedoria popular de todos. Contudo, no caso das revistas femininas, que inserem seus textos nas seções de *amor e sexo*, como a Revista Cosmopolitan, e *vida real*, como é o caso da Revista Capricho, o enunciador-universal se faz presente principalmente por meio da opinião de figuras empíricas, especialistas como ginecologistas, psicoterapeutas e sexólogos. Em contraste, nos textos de divulgação científica como a Revista Galileu e o site Fatos Desconhecidos, que arquiva sua matéria na seção de *ciência e tecnologia*, a presença da autoridade se dá majoritariamente por meio da citação a estudos que não são atribuídos a uma pessoa em específico.

Desse modo, todos os textos analisados, tanto aqueles que têm como objetivo a divulgação científica quanto aqueles que se propõem a trazer curiosidades e entretenimento a seus leitores, auxiliam, em algum ponto, na construção e manutenção da compulsoriedade da ordem sexo/gênero/desejo (BUTLER, 2017), embora, especialmente nos casos do portal M de Mulher e da Revista Galileu, os Locutores consigam expressar, por meio de enunciadores-individuais, suas individualidades e descontentamentos diante dos sexismos presentes na ciência.

A reafirmação de uma memória de sentidos que naturaliza a coerência e a continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo nos seres humanos se dá, nas revistas femininas Cosmopolitan, Capricho e no portal M de Mulher, pela exploração das inseguranças femininas de não pertencimento à normalidade, de identificação do próprio corpo como anormal, assimétrico, estranho ou patológico, e dos comportamentos sexuais desviantes, especialmente a recusa da prática da relação sexual de penetração, como afetando fisiologicamente esse corpo, deformando-o; trazendo, enfim, na carne, a prova da infração da ordem natural do desejo relembra como memorável na temporalização dessas enunciações.

Já nos textos mais inclinados à divulgação científica, a manutenção desses sentidos cristalizados ocorre principalmente por meio do humor, que gera uma identificação do alocutor-homem com o universo masculino que ali se desdobra, no qual a construção dos sentidos de mulheres como objeto de desejo, por sua capacidade de ser penetrado, ou de repulsa, por sua estranheza, é uma piada constantemente reiterada, carregando em si o entretenimento da familiaridade. Assim sendo, os desejos e os prazeres, tanto femininos quanto masculinos, continuam, seja pelo medo, seja pelo humor, devidamente normatizados. Portanto, o real é desigualmente dividido, hierarquizado entre desejantes e desejados, penetradores e penetrados, enquanto aqueles que não estão incluídos – como o Locutor Carol Patrocínio exclamando entre parênteses que sufocam na Revista Galileu ou como os alocutários-mulheres inseguros que desejam ter sua normalidade reafirmada – buscam, de alguma forma, fazer parte.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. (2017). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, Civilização Brasileira, RJ.
- DUCROT, O. (1977). Princípios de Semântica Linguística, Cultrix, SP.
- GUIMARÃES, E. (2017). Semântica do acontecimento: Um estudo enunciativo da designação, Pontes Editores, Campinas/SP.
- GUIMARÃES, E. (2018). Semântica: Enunciação e sentido, Pontes Editores, Campinas/SP.
- ORLANDI, E. (1984). A Linguagem e seu Funcionamento. Pontes Editores, Campinas/SP.

TEXTOS ANALISADOS

BONAFÉ, M. 11 segredos e curiosidades sobre a sua vagina. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/vida-real/11-segredos-e-curiosidades-sobre-a-sua-vagina/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

DREHMER, R. Ela é elástica e muda de cor: 15 curiosidades sobre a vagina. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/amor-e-sexo/curiosidades-sobre-a-vagina/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

GRAFF, M. 10 COISAS QUE VOCÊ AINDA NÃO SABIA SOBRE A SUA VAGINA. Disponível em: <<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/10-coisas-que-voce-ainda-nao-sabia-sobre-sua-vagina/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

PATROCÍNIO, C. (2015). A vagina como ela é. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/12/vagina-como-ela-e.html>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

POLO, R.; MOUHERDAUI, B. (2018). Manual da vagina: 21 segredos que você precisa saber. Disponível em: <<https://cosmopolitan.abril.com.br/.../manual-da-vagina-21-segredos-que-voce-precisa-saber/>>. Acesso em 13 de agosto de 2018.